

Itinerários caribenhos: rotas traçadas e cartografias por vir

Partindo-se da constatação, no presente, de um momento privilegiado de recepção de obras caribenhas no Brasil, este número da *Criação & Crítica* pretende se colocar no limiar entre duas temporalidades interligadas: a primeira reivindica a celebração dos caminhos críticos percorridos até aqui, que estão em vias de fragilizar a assertiva, feita em outro tempo histórico, de que “a bibliografia sobre as Antilhas é ainda muito escassa no Brasil” (FIGUEIREDO, 1998, p. 11). Já a segunda busca reunir ainda mais vozes, dentro e fora do país, com vistas a abrir espaço para outras cartografias possíveis do arquipélago caribenho.

Nos últimos anos, publicações cada vez mais numerosas de obras antilhanas no Brasil, tanto no âmbito literário quanto no teórico, testemunham um fôlego renovado na recepção crítica e tradutória de produções provenientes das ilhas do Caribe, em toda sua diversidade linguística, sociocultural e étnica. No que se refere a traduções, chama a atenção um número considerável de retraduições, algo notável em um cenário ainda limitado de livros vertidos para o português. Em 2019, foi publicado *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* (Rosa dos Ventos), de Maryse Condé, vinte e dois anos após a primeira tradução do romance. No ano seguinte, saiu em nova tradução a obra *Senhores do orvalho* (Carambaia), do haitiano Jacques Roumain, sessenta e seis anos após sua primeira edição, sob direção de Jorge Amado. Também nesse período, vieram a público retraduições dos clássicos *Discurso sobre o colonialismo* (Veneta), de Aimé Césaire e *Pele negra, máscaras brancas* (Ubu editora), de Frantz Fanon. De Fanon foi publicado, ainda, *Por uma revolução africana: Textos políticos* (2021, Zahar).

No campo das traduções inéditas, em 2020, *Estilhaços – antologia de poesia haitiana contemporânea* (Selo Demônio Negro, org. Henrique Provinzano Amaral) apresentou a primeira antologia poética haitiana em edição bilingue (francês-português) no Brasil, contemplando cinco poetas vivos – René Depestre, Frankétienne, Marie-Célie Agnant, Evelyne Trouillot e James Noël; no ano seguinte, *A grande camuflagem: escritos da dissidência (1941-1945)*, de Suzanne Césaire e *Poética da Relação*, de Edouard Glissant, foram trazidos ao público brasileiro pela editora Papéis Selvagens e pela Bazar do Tempo, respectivamente. Esta última editora, aliás, anunciou em portfólio a tradução de *Escrever em país dominado*, de Patrick Chamoiseau e a tradução de outros textos ensaísticos de Glissant. Por sua vez, a Papéis Selvagens deu notícia sobre a tradução da recolha de poemas *Moi, laminaire*, de Aimé Césaire, pelas mãos de Lillian Pestre de Almeida.

Ainda em 2021, *Cartas a uma negra* (Todavia), de Françoise Ega, aqui aportou mais de quatro décadas após a publicação original, revelando cartas escritas, mas nunca postadas, pela martinicana à brasileira Carolina Maria de Jesus. Também foi publicada a antologia *Contos de noite e dia nas Antilhas* (Figura de Linguagem), de Ina Césaire, em tradução de Jéssica Pozzi e Samanta Siqueira. No campo crítico, destacam-se as publicações, nesse mesmo ano, de *Tradução em (ent)revista: Simone*

Schwarz-Bart e as tradutoras brasileiras, de autoria de Vanessa Massoni da Rocha, *Com a palavra, a memória: La Lézarde de Édouard Glissant*, de Janaína de Azevedo Bispo e *Vodu, Voodoo e Hoodoo: A Magia do Caribe e o Império de Marie Laveau*, de Diamantino Fernandes Trindade e Hougan Sebastié de la Croix. Em 2022, o romance *A cor do amanhecer*, de Yanick Lahens, foi publicado pela editora Paris de Histórias com prefácio da professora Margarete Santos.

A se destacar, igualmente, o aumento das interfaces culturais Brasil-Caribe, bem representado pelo prefácio assinado por Conceição Evaristo, ícone do feminismo negro nas letras brasileiras, à obra mencionada de Maryse Condé. Ainda nesse âmbito, entrevistas com escritores caribenhos são concedidas a pesquisadores brasileiros, que também acolhem a presença de Patrick Chamoiseau, Yanick Lahens e Marie-Célie Agnant em eventos nacionais. Vale sublinhar, ainda, a apropriação das expressões glissantianas “poética da Relação” e “direito à opacidade” como motes do projeto curatorial da 34ª Bienal de São Paulo (2020/2021). Por fim, a Biblioteca do Consulado da França no Rio de Janeiro fez inédito investimento em obras caribenhas e constituiu um Fundo Antilhas com mais de 400 obras para seu acervo, o que foi divulgado e celebrado no Ciclo Caribe real e sonhado (2021), com a presença de pesquisadores brasileiros, franceses, antilhanos e guianenses.

Para além do universo de expressão francesa, também se pode aludir à publicação recente de obras provenientes de outros territórios e línguas do Caribe. A título de exemplo, do inglês, foi traduzida a *Autobiografia da minha mãe* (Alfaguara), de Jamaica Kincaid, escritora proveniente de Antigua e Barbuda. Do espanhol, saiu *Nocaute: 6 poetas/Cuba/hoje* (Jabuticaba), além de outras antologias poéticas editadas pela Malha Fina Cartonera.

Em consonância com o crescimento expressivo das publicações em livro e dos trânsitos culturais, tem aumentado o número de trabalhos (artigos, dissertações e teses) e de eventos acadêmicos dedicados a temas caribenhos. Neste contexto, fazemos menção ao Seminário Internacional de Literaturas caribenhas (SILC) e ao Colóquio de Literaturas e estudos francófonos (CLEF), ambos em 2021. Isso configura, no Brasil, um cenário inédito, que vem coadunando pesquisadores de diferentes gerações em torno de abordagens pautadas pela busca do “diversel” contra o “universal” (CHAMOISEAU, 2014, p. 13) e capazes de criar “o novo a partir de raízes múltiplas” (MAXIMIN, 2006, p. 16). A partir desse momento, abre-se um novo ciclo, em que os múltiplos hibridismos, atravessamentos e transversalidades contribuem para a assimilação das poéticas do Diverso e do Todo-Mundo (GLISSANT, 2005; 1997).

Nesse contexto, ganham especial relevo as perspectivas pós-coloniais e decoloniais (MIGNOLO, 1996, 2017), ferramentas agudas para a análise das manifestações literárias do Caribe à luz de seu amplo leque de elementos culturais, históricos, sociais e identitários. Também estão em pauta as confluências entre poética e política, constitutivas da obra de numerosos autores caribenhos, entre eles Édouard Glissant (DAMATO, 1995).

Jogando luz sobre este cenário efervescente tanto da crítica literária quanto da tradução caribenha no Brasil, o número 32 da Revista Criação & Crítica reúne ensaios, traduções, entrevistas e exercício de estilo de autoria de pesquisadores brasileiros e de demais nacionalidades, redigidos em português e em francês. A seção dedicada aos artigos se inicia com dois textos centrados nas migrações e nos exílios contemporâneos em obras martinicanas e guadalupenses. De início, o estudo de Véronique Bonnet intitulado “*Frères migrants*, de Patrick Chamoiseau: a intenção humanista”, elege como ponto de partida a crise de imigrantes que se dirigem à Europa e o ensaio *Frères migrants* (2017), de Patrick Chamoiseau. A pesquisadora dialoga o humanismo europeu – muito revisitado em obras das literaturas francófonas –, as considerações de desumano (CHAMOISEAU) e as dominações que lembram a experiência colonial. Ao retomar a verve de “*escritor-cidadão*”, Bonnet passa em revista pontos cegos e a renovação do pensamento humanista, sem perder de vista a força da biblioteca intertextual (a *sentimenthèque* chamoiseana, por exemplo) e a metáfora do vagalume, animal símbolo de resistência, retomada por diversos intelectuais em diferentes contextos e épocas.

Em “Exil, diaspora et migrations dans *En attendant la montée des eaux*, de Maryse Condé”, Mathilde Berg contempla o referido romance polifônico de Maryse Condé, publicado em 2010. Ao retrazar deslocamentos de três homens unidos por uma criança órfã haitiana, o livro, segundo Berg, convida a uma reflexão sobre o trânsito entre o Haiti, a Guadalupe e a África, o que coloca em cena embates entre o passado e o presente; embates estes que se imprimem no pertencimento a uma terra (que pode ser uma terra escolhida), na percepção da origem (à luz de Césaire) e nas (re)constituições identitárias. A pesquisadora se atém às reflexões sobre a história pessoal, familiar e comunitária e suas transmissões e investiga o papel do escritor na escrita da história, retomando entrevistas de Maryse Condé.

O pesquisador Dennys Silva-Reis dá continuidade à fortuna crítica sobre a obra de Maryse Condé ao contemplar a peça *Comme deux frères* (2007) no artigo “A insinuação da homossexualidade negro-caribenha – *Comme deux frères* (2007), de Maryse Condé”. Na esteira de Noelle Carruggi e suas análises acerca da rebelião e das transgressões na obra de Condé, Silva-Reis se interessa pelo estudo da poética da insinuação. Para isso, ele perscruta o imaginário da homossexualidade em Condé e observa o discurso teatral machista antilhano. Por fim, ao examinar diversas cenas da peça, Dennys demonstra como a constituição deste texto dramático lança holofotes sobre a questão da homossexualidade negro-caribenha.

Dois artigos deste número se debruçam, de maneira dialógica, nos escritos de Jamaica Kincaid. O primeiro, de Maria do Carmo Moreira de Carvalho e Sara Regina de Oliveira Lima, se intitula “Entre a fragmentação e a autodefinição: o entre-lugar permeado por *Lucy*, de Jamaica Kincaid”. Nele, as autoras discorrem sobre o centro e a margem, sobre o entre-lugar (Bhabha) e sobre identidades em trânsito na novela *Lucy* (1994), em que a protagonista vive nos Estados Unidos sem deixar de se lembrar da Antigua, ilha caribenha onde morava com a família. As pesquisadoras cotejam a concepção de autodefinição (Collins) e de excentricidade (Hutcheon) para compreender a fragmentação do sujeito diaspórico no entre-meio que o indefine. Por sua vez, Roland

Walter, em “Entre a luz e a sombra: escrita difratada em *Mr. Potter* e *See now then* de Jamaica Kincaid” propõe uma leitura das duas novelas de Kincaid (2002 e 2014, respectivamente) pelo viés da teoria pós-colonial. Nestes termos, Walter mobiliza os aportes teóricos de autores caribenhos como Antonio Benítez-Rojo, Edouard Glissant, Wilson Harris, Patrick Chamoiseau, René Depestre para estudar o que considera ser a escrita difratada de Jamaica Kincaid. Segundo o pesquisador, Kincaid “ilumina a ambiguidade de uma episteme cultural cujos valores criados pelo discurso ocidental por meio de distorções ideológicas foram refractados e internalizados pelo discurso subalterno”. Trata-se de pensar o período neo-colonial a partir de jogos de luzes que encontram fissuras negras nas máscaras brancas proclamadas por Frantz Fanon.

Figura monstruosa, fluida, híbrida, versátil, controversa e eloquente... a enumeração, promovida por Philippe de Avellar no artigo “Das Antilhas para o globo: a pandemia zumbi”, busca caracterizar o zumbi. Philippe sustenta a premissa de que a criatura espelha a alteridade, a semelhança e o contemporâneo. Desta forma, o pesquisador ressalta que a formação multiétnica do zumbi faz eco à pluralidade das Américas, espaço de familiaridade e de estranheza, e nos lembra que tal figura se inscreve na tradição da literatura haitiana. Contudo, o monstro extrapola paradigmas e transita em diferentes áreas do conhecimento como a literatura, a política, as ciências sociais, a economia, a religião e a espiritualidade, promovendo reflexões acerca da identidade, da memória e da história.

Michelli da Silva Almeida e Véronique Marie Braun Dahlet assinam o artigo “A escrita de Assia Djebar em diálogo com o pensamento geopoético de Édouard Glissant: uma leitura do romance *La femme sans sépulture*”, no qual o romance em tela, de 2012, é estudado sob a perspectiva da geopoética glissantiana e sua tríade paisagem, memória/tempo e linguagem. A obra privilegia a história de Zoulikha, a dita mulher sem sepultura, proclamada no título da obra da escritora argelina. Por intermédio do questionamento da (re)existência ignorada, como defendem as pesquisadoras, Assia Djebar promove discussões acerca da história de uma coletividade que emerge de uma paisagem compartilhada, do registro da “história oficial” e, finalmente, das interfaces entre literatura e história.

Tirando partido das promissoras veias da literatura comparada, Pauline Champagnat aproxima obras martinicanas e brasileiras em “Mémoires marginales et contre-récits: Patrick Chamoiseau et Conceição Evaristo”. Ao friccionar as obras martinicanas *Texaco* (1992), *Un dimanche au cachot* (2007), *L’esclave vieil homme et le molosse* (1997) e as narrativas brasileiras *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006), que conheceram em 2017 as versões em francês, a pesquisadora reflete sobre a escravização e discorre sobre as relações intrínsecas entre escrita e memória/silenciamento/resistência, enfatizando o papel do escritor para suprir lacunas e “esquecimentos” da história oficial. Assim, Champagnat caminha na seara da oralidade e da memória coletiva, à escuta de vozes consideradas minorizadas e subterrâneas (Pollak) com a finalidade de

observar os diálogos romanescos entre obras nas quais emergem vozes dispostas a fissurar o discurso hegemônico e a promover contra-narrativas.

O universo poético antilhano, notadamente a recolha de poemas *Par la fissure de mes mots* (2014), da escritora haitiana Evelyne Trouillot, ganha a atenção de Danielle Grace no artigo “Um recorte da relação entre poesia e identidade antilhana: Evelyne Trouillot e o Haiti”. Em suas ponderações, Grace analisa o campo poético em sua predisposição para a construção das identidades e para questionamentos variados, dentre os quais se destaca a história colonial e seus prolongamentos. Em outras palavras, estamos diante da tentativa de mobilizar o político e o social através da construção poética, definida por Trouillot em entrevista como “a maneira mais verdadeira de dizer as coisas, de falar do mundo e do ser” (2020). Nesta ótica, ao reconhecer na antologia de Trouillot uma identidade em processo, a pesquisadora mobiliza as ranhuras da literatura e o estado do “sendo” em Glissant.

A seção de artigos se encerra com outra contribuição voltada para o fazer poético haitiano. Desta vez, Yaya Mountapmbeme Pemi Njoya avalia parte da produção do poeta Jean Métellus em “Trame lyrique et surconscience politique dans la poésie afrodescendante. Une lecture de *Voix nègres, Voix rebelles, Voix fraternelles* de Jean Métellus”. Levando em conta a emergência de vozes subalternas no século XX em África e nas diásporas africanas, Njoya analisa o poema em questão de Métellus (2007) e enfatiza o recrudescimento de contra-discursos que colocam em xeque a problemática da celebração e a sacralização dos heróis/arautos do espaço africano continental e diaspórico. Nesta toada, o espaço poético acolhe a resiliência, a militância pan-africana ao adotar uma abordagem decolonial que indissocia a produção poética e o peso da história.

A seção seguinte, de traduções, faz eco à diversidade da produção literária e teórica caribenha em seus gêneros, territórios e línguas. Composta por quatro textos, inicia-se com o ensaio “Poética natural, poética forçada”, de Edouard Glissant, em tradução de Thadeu C Santos e Henrique Provinzano Amaral, com colaboração de João Borogan. Trata-se de um capítulo do monumental *Le discours antillais* (1981), livro resultante da tese de doutorado do pensador e escritor martinicano, que ainda não apresenta tradução integral em português. Trazendo reflexões sobre as poéticas orais crioulas, ligadas notadamente aos recursos da derrisão e do desvio e inspiradas na arte dos *conteurs créoles*, o texto se anuncia como uma contribuição relevante para os estudos acerca da voz em suas relações com a produção literária, seja no Brasil ou nas Antilhas.

O território martinicano – objeto de contínuas explorações e local de contradições dramáticas – é a matéria principal do conto “Retorno ao país letal”, de Ketty Steward, traduzido por Ana Cláudia Romano Ribeiro e Claire Silva de Souza. Numa mistura *sui generis* de ficção científica futurista e distopia tropical, o texto retoma o célebre *Cahier d'un retour au pays natal*, de Aimé Césaire, para narrar o retorno a uma Martinica, ainda mais despossuída e contaminada, na qual o turismo predatório e a destruição ecológica tomaram a vida simplesmente impossível. É diante desse cenário que a autora do conto nos convida a refletir sobre temas como identidade, pertencimento e (im)possibilidade de futuro.

Em seguida, retornamos aos limiares entre as expressões culturais brasileiras e caribenhas a partir da tradução do poema “Faims cachées”, da guadalupense Lucie Julia, assinada por Giuliana Cerchiari de Andrade. A proposta tradutória, intitulada “Escondidas”, se baseia na escolha da forma do cordel e da estrutura “mote-glosa”, fazendo dialogar o gênero tipicamente brasileiro com as temáticas da denúncia da fome, das violências contra as mulheres e da invisibilização social, todas patentes no poema de Julia. Não se devem perder de vista, aliás, as relações com algumas proposições teóricas expostas por Glissant no ensaio da mesma seção, visto que essa tradução habita precisamente o limite entre oralidade e escrita.

Por fim, fechando a seção de traduções, encontra-se “Un sueño. A mi segundo hermano”, de Juan Francisco Manzano, em versão de Kamila Moreira de Oliveira. Único autor hispanófono traduzido nesta seção, o poeta cubano, ex-escravizado e autor de sua própria biografia, traz à tona uma impactante reflexão poética que coloca em cena, a partir da imagem primordial do sonho e em atmosfera onírica, os impasses experimentados na própria pele devido ao choque entre o ideal de liberdade (e, em certa medida, também de fraternidade) e a realidade escravista em solo caribenho.

Na seção Entrevista, apresentamos dois textos. O primeiro, da pesquisadora Eurídice Figueiredo, revisita a entrevista concedida pelo intelectual haitiano René Depestre a Maximilien Laroche e à pesquisadora brasileira em 1981, ao longo do V Congresso Mundial da FIPF (Federação Internacional de Professores de Francês). Publicada originalmente em francês em 1983, a entrevista volta à baila em versão traduzida para o português para este número de *Criação & Crítica*. Nela, Depestre é convidado a falar – e discorre de maneira profícua – sobre a Negritude, a associação entre *marronnage* e canibalismo, as interseções entre Brasil e Caribe, o real maravilhoso e a construção linguística na francofonia. Depestre enfoca, ainda, o binômio vodu e marxismo em sua obra *Pau de sebo* (1983, em tradução de Estela dos Santos Abreu e Maria Wanda de Andrade) e se atém à sua experiência no exílio e em como ela incide sobre sua produção artística.

O universo haitiano também se faz presente na segunda entrevista do número. Nela, a pesquisadora Vanessa Massoni da Rocha dialoga longamente com o pesquisador e tradutor Henrique Provinzano Amaral quando da publicação da obra *Estilhaços – antologia de poesia haitiana contemporânea* (Demônio Negro, 2020). Organizador da antologia (o primeiro volume bilíngue voltado para a poética haitiana no Brasil) e tradutor de poemas de René Depestre, Frankétienne, Marie-Célie Agnant, Evelyne Trouillot e James Noël, Henrique coaduna suas pesquisadas acadêmicas em estudos da tradução a partir de *corpus* caribenho e sua experiência com poesia (é tradutor da miniantologia *Jan Mapou Jan* (2019) e autor de *Quatro cantos* (Patuá, 2020)). Ao longo da entrevista, temas como os caminhos e dilemas da tradução, a literatura haitiana, as relações entre poesia, exílio e poder e algumas passarelas culturais entre o Haiti e o Brasil ganham relevância.

32 Criação & Crítica

Na seção Exercício de estilo, Ana Cláudia Romano Ribeiro aproxima suas verves de professora voltada para a área da francofonia e ilustradora reconhecida por traços lúdicos, firmes e minimalistas para apresentar a obra *Autoportrait de Paris avec chat*, de Dany Laferrière. Publicada em 2018, a obra robusta, com 319 laudas, alia ficção literária e romance gráfico e ganha, pelas ilustrações de Ana Cláudia, uma espécie de resenha desenhada que deseja menos apresentar minuciosamente a obra que realizar um convite afetuoso, bem-humorado e irreverente para o universo criativo de Laferrière. Em seu belíssimo exercício de estilo, a autora coloca face a face o autor haitiano, Jorge Luis Borges, Montaigne, Michel Elquem e o Gato (Le chat) e elabora uma sequência de questionamentos acerca deste livro multifacetado de Dany.

Por fim, este dossiê polivalente se inscreve em momento de aumento substancial de produções críticas, traduções e atividades acadêmico-culturais brasileiras centradas no Caribe e o faz com o duplo objetivo de comemorar o percurso que permite tal efervescência nos dias de hoje e de somar ainda mais vozes para este rico mosaico que se delinea e se aprofunda. Como salienta o escritor martinicano Raphaël Confiant, “ler é como mergulhar em um sono acordado” (2010, p. 91). Que assim seja! Fazemos votos de que este número da Revista *Criação & Crítica* fomenta leituras, sonhos, diálogos e relações que desconheçam limitações e finitudes.

Desejamos uma boa leitura.

Editores

Henrique Provinzano Amaral (USP)

Vanessa Massoni da Rocha (UFF)